

Nursing and cancer pain*

Enfermagem diante da dor oncológica

Fernanda Furtado da Cunha¹, Luciana de Paiva Rêgo¹

*Recebido da Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

DOI 10.5935/1806-0013.20150027

ABSTRACT

BACKGROUND AND OBJECTIVES: A major complaint of cancer patients is pain. In Brazil, it is estimated that 62 to 90% of cancer patients have some type of pain; however in Brazil pain is still inadequately controlled and managed for cancer patients, being that 24.5 to 46.6% have their pain inadequately managed. This study aimed at identifying in the Brazilian literature the status of nursing assistance and knowledge about cancer pain to deepen knowledge about nursing care practices for painful cancer patients.

CONTENTS: This is an exploratory study by means of integrative literature review. National studies in Portuguese language and fully available in LILACS, Scielo and BDENF databases, published between 2002 and 2012 were used, achieving a final sample of 24 articles, which were grouped in 3 thematic axes portraying difficulties faced by nurses to assist painful cancer patients, going from poor knowledge to the scarce number of professionals, in addition to the scarcity of studies addressing the theme.

CONCLUSION: Results of our study have contributed to the scientific background of the nursing team, giving them support for the acquisition of pain management skills, especially with regard to its adequate measurement, major aspects of intervention and predominant stumbling-blocks for pain management.

Keywords: Assistance humanization, Nursing assistance, Oncologic Nursing, Pain.

RESUMO

JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS: Um dos principais males que acometem o paciente com câncer é a dor oncológica. No Brasil a estimativa é que 62 a 90% dos pacientes com câncer apresentam algum tipo de dor. No Brasil, ainda se realizam inadequadamente o controle e o tratamento da dor em pacientes com câncer, sendo que 24,5 a 46,6% têm sua dor inadequadamente controlada. O objetivo do estudo foi identificar na produção científica brasileira como está a assistência e o conhecimento da equipe de enfermagem frente à dor oncológica para aprofundar o conhecimento sobre as práticas de cuidados de enfermagem ao paciente oncológico com dor.

CONTEÚDO: Trata-se de um estudo exploratório por meio de uma revisão integrativa da literatura. Foram utilizados artigos nacionais em português, disponíveis na íntegra, nas bases de dados LILACS, Scielo e BDENF, publicados nos anos de 2002 - 2012, obtendo-se uma amostra final de 24 artigos. Foram agrupados em 3 eixos temáticos, que retratam as dificuldades enfrentadas pelos enfermeiros para prestar assistência ao paciente com dor oncológica, desde o pouco conhecimento ao escasso número de profissionais, além da escassez de estudos que abordem a temática.

CONCLUSÃO: Os resultados apresentados por esta pesquisa contribuíram para a bagagem científica da equipe de enfermagem, dando-lhe suporte para aquisição de habilidades sobre o gerenciamento da dor, principalmente no que diz respeito à sua adequada mensuração, principais aspectos da intervenção e os empecilhos predominantes da assistência no combate à dor.

Descritores: Assistência de enfermagem, Dor, Enfermagem oncológica, Humanização da assistência.

INTRODUÇÃO

Um dos principais males que acometem o paciente com câncer é a dor oncológica que se manifesta em todos os estágios do processo neoplásico. No Brasil a estimativa é que 62 a 90% dos pacientes com câncer apresentam algum tipo de dor¹.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) diz que a dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a lesões reais ou potenciais. Assim, a dor é considerada como uma síndrome resultante da interpretação do aspecto físico-químico do estímulo nocivo e da sua interação com as características individuais como o humor, o significado simbólico atribuído ao fenômeno sensitivo e os aspectos culturais e afetivos dos indivíduos².

O tratamento inadequado da dor é comum em todo o mundo. Se-

1. Universidade Federal do Pará, Departamento de Enfermagem, Belém, PA, Brasil.

Apresentado em 12 de janeiro de 2015.

Aceito para publicação em 07 de maio de 2015.

Conflito de interesses: não há – Fontes de fomento: não há.

Endereço para correspondência:

Fernanda Furtado da Cunha
Rua Vinte e Cinco, 292 – Conjunto Promorar, Quadra 41.
66110-017 Belém, PA, Brasil.
E-mail: furtadof@yahoo.com.br

gundo dados da OMS, dos cinco milhões de pessoas que morrem de câncer por ano, 80% morrem sem ter um controle devido da dor³. No Brasil 24,5 a 46,6% dos pacientes com dor oncológica, têm sua dor inadequadamente controlada. O Brasil é classificado como o segundo país da América Latina em que os portadores de câncer mais sentem dor⁴.

A prática de atender um paciente com dor oncológica é muito ampla e a sua avaliação é o ponto fundamental para o planejamento do cuidado, exigindo do profissional de enfermagem suporte educacional para o manuseio e gerenciamento dessa sensação álgica⁵.

Logo, revisar o conhecimento, através dos artigos literários, acerca da avaliação e dos cuidados com o paciente com dor oncológica, é relevante para o contexto de saúde atual. É indispensável à produção científica em enfermagem oncológica, sendo primordial para suscitar a base que irá fundamentar a prática clínica⁶.

É imprescindível o despertar da enfermagem quanto à aquisição de conhecimento e treinamento, para que possa desempenhar seu papel de forma eficaz, conduzindo assim para o sucesso na administração da dor.

O objetivo do estudo foi identificar na produção científica brasileira como está a assistência e o conhecimento da equipe de enfermagem frente à dor oncológica para aprofundar o conhecimento sobre as práticas de cuidados de enfermagem ao paciente oncológico com dor.

CONTEÚDO

Trata-se de um estudo exploratório, por meio de uma revisão integrativa de literatura, no qual foram utilizados artigos nacionais em português e disponível na íntegra, nas bases de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF), em um recorte temporal de 2002 a 2012. Para a seleção dos artigos, fez-se uma busca sobre as produções do conhecimento referentes à dor oncológica tendo como descritores: “Dor”; “Enfermagem Oncológica”, “Assistência de Enfermagem” e “Humanização da Assistência”.

Constatou-se que poucos artigos a respeito de dor oncológica têm sido publicados nos últimos 10 anos; somente 24 artigos foram identificados. Percebe-se a restrita produção acerca do assunto proposto, pois, com o passar dos anos esse interesse permaneceu inexpressível, visto que as pesquisas apresentaram-se em número limitado.

A partir da análise do conteúdo dos artigos pode-se constatar os seguintes aspectos: formas de avaliação da dor oncológica pela enfermagem; a enfermagem e o paciente com dor oncológica e principais fatores que contribuem para a dificuldade da assistência de enfermagem ao paciente com dor oncológica.

A distribuição dos 24 artigos selecionados de acordo com o tipo de estudo e autores, e o percentual dos artigos selecionados na abordagem dos temas de cada eixo são demonstrados nas tabelas 1 e 2.

A discussão acerca da enfermagem diante da dor oncológica sofre influência de vários fatores que serão explanados nos eixos a seguir.

Eixo 1 - Formas de avaliação da dor oncológica pela enfermagem

Em 6 artigos é evidenciado que a mensuração é a forma mais rápida para aplicar e calcular a intensidade da dor, referindo-se a um número ou valor. São vários os métodos para mensurar e perceber a dor;

Tabela 1. Distribuição dos artigos por tipo de estudo e autores. Belém, Pará, 2012

Autores	Tipo de estudo
Morete e Minson ⁵	Revisão de literatura
Bueno, Neves e Rigon ⁶	Pesquisa documental
Waterkemper, Reibnitz e Monti-Celli ⁷	Relato de experiência reflexiva
Biasi, Zago, Paine, et al. ⁸	Pesquisa qualitativa exploratória
Souza e Santàna ⁹	Revisão de literatura
Silva, Silva, Martinez, et al. ¹⁰	Estudo quantitativo, descritivo, exploratório
Carvalho, Pereira e Negreiros ¹¹	Revisão de literatura
Bottega e Fontana ¹²	Pesquisa descritiva
Pinto e Casa ¹³	Revisão de literatura
Leal, Melo, Simões, et al. ¹⁴	Revisão de literatura
Freitas, Vieira, Torres, et al. ¹⁵	Revisão de literatura
Gargiulo, Melo, Salimena, et al. ¹⁶	Pesquisa qualitativa
Muniz e Zago ¹⁷	Pesquisa qualitativa
Costa, Lunardi Filho e Soares ¹⁸	Relato de experiência
Peres, Arantes, Lessa, et al. ¹⁹	Revisão de literatura
Silva, Matheus, Fustinoni, et al. ²⁰	Pesquisa descritiva
Nascimento, Medeiros, Saldanha, et al. ²¹	Revisão de literatura
Klüser, Terra, Noal, et al. ²²	Pesquisa qualitativa
Fontes e Jaques ²³	Revisão de literatura
Recco, Luis e Pinto ²⁴	Pesquisa descritiva
Rigotti e Ferreira ²⁵	Revisão de literatura
Waterkemper e Reibnitz ²⁶	Pesquisa qualitativa
Bastos, Silva e Calasans ²⁷	Pesquisa exploratório-descritiva
Silva e Pimenta ²⁸	Estudo transversal do tipodescritivo-exploratório

Tabela 2. Percentual dos artigos selecionados na abordagem dos temas de cada eixo. Belém, Pará, Brasil, 2012

Eixos temáticos	Percentual
Eixo 1 - Formas de avaliação da dor oncológica pela enfermagem	52,17
Eixo 2 - A enfermagem e o paciente com dor oncológica	50
Eixo 3 - Principais fatores que contribuem para a dificuldade da assistência de enfermagem ao paciente com dor oncológica.	52,17

as mais utilizadas são a escala analógica visual (EAV) e a escala verbal numérica (EVN). Um artigo evidencia que o enfermeiro utiliza somente a EVN, não utilizando o método McGill e Escala de Descritores Diferenciais (DDS), deixando assim de levar em consideração os aspectos subjetivos e multidimensionais da dor, avaliados por este método de avaliação.

A EVN objetiva a mensuração da intensidade da dor, em contextos clínicos e em valores numéricos. O paciente deve estar consciente de seus pensamentos e ações e referir sua dor numa escala de zero a 10, sendo zero “nenhuma dor” e 10 dor “máxima imaginável”²⁹.

Ressalta-se que é aplicável a pacientes orientados e com boa capacidade cognitiva, que num contexto de terapia intensiva, podem estar aguardando, por exemplo, um procedimento cirúrgico¹⁵.

Outra escala citada é a EAV, que se assemelha à EVN; no entanto, deve obrigatoriamente haver contato visual do paciente com a escala e ele deve ser capaz de apontar ou sinalizar ao examinador em que grau sua dor está²⁹.

Vinte e sete estudos revelaram que os enfermeiros reconhecem que somente dados mensuráveis e objetivos não produzem uma avaliação efetiva e completa da dor oncológica em todos os seus aspectos biopsicossociais. Esses achados corroboram outro estudo¹⁶ que afirma que o cuidar em enfermagem pressupõe, também, estar atento às queixas subjetivas dos pacientes, de modo a intervir no curso do sintoma, possibilitando conforto e bem-estar.

A equipe de enfermagem apresentou algumas limitações na mensuração e avaliação da dor nos pacientes com câncer, no manuseio da dor vivenciada pelo paciente e na terapêutica adequada. De acordo com 3 estudos, os enfermeiros revelam que mesmo em meio a alguns instrumentos de avaliação da dor, diversos são os obstáculos relacionado à falta de protocolos que sirvam para uma orientação e esclarecimento da equipe de enfermagem.

Eixo 2 – A Enfermagem e o paciente com dor oncológica

Baseado nas análises dos artigos examinados, as intervenções de enfermagem ao paciente com dor oncológica devem estar pautadas em vários aspectos que serão descritos a seguir:

- Importância da Implementação da Sistematização das Ações de Enfermagem (SAE): dentro desta pesquisa foram identificados 3 artigos dos 24 analisados que evidenciaram a necessidade de uma sistematização do cuidado através da SAE para que se possa chegar a um atendimento de qualidade;
- Quando a avaliação da dor não é realizada de forma sistematizada, a dor pode ser subestimada e fatores importantes podem ser ignorados. A avaliação inadequada da dor e o desconhecimento sobre as estratégias disponíveis para o seu controle são fatores que podem dificultar o manuseio desse sintoma^{8,12,18,21};
- Atuação holística: Em 4 estudos foi observada a atenção da enfermagem para com a satisfação das necessidades do paciente oncológico em todos os seus aspectos (físico, emocional, social e espiritual), devendo o enfermeiro atuar de forma incansável para eliminar ou amenizar as ansiedades e desejos do paciente, porém, para que assim se proceda, é necessário que o profissional adquira um perfil peculiar da profissão de enfermagem, buscando constantemente conhecimentos técnico-científicos e atuando de forma interpessoal e humanizada, pois, o profissional de enfermagem precisa interpretar a subjetividade de cada paciente para assim alcançar a meta desejada que é a sua qualidade de vida¹⁹;
- Um fator muito comentado entre os autores, dentro do foco holístico, é a questão da necessidade espiritual; a fé dos indivíduos é um ponto muito forte no seu tratamento, devendo a enfermagem atentar muito para esse quesito;
- A importância da família: o cuidado holístico implica também o acolhimento da família do paciente, dando-lhe toda informação necessária sobre o tratamento, intercorrências e dúvidas que surgirem no decorrer de sua terapêutica¹⁰. Um fator preponderante nesse contexto é a confiança passada pelo profissional de enfermagem

ao paciente e seu familiar, mas para que esse sentimento possa ser conquistado é necessário que o profissional atue de forma empática, responsável e competente, sensibilizando-se pela dor do próximo²;

- Trezentos e quinze estudos evidenciaram que devido ao grau de complexidade do cuidado direcionado ao paciente oncológico, é de suma importância o preparo do profissional de enfermagem, através de obtenção de conhecimentos técnico-científicos, socioculturais, pertinentes ao câncer, além da obtenção de experiência profissional na área oncológica a fim de gerenciar todo o planejamento das intervenções técnicas, educacionais e de pesquisa com enfoque na prevenção, tratamento e reabilitação do paciente com dor oncológica.

Eixo 3: Principais fatores que contribuem para a dificuldade da assistência de Enfermagem ao paciente com dor oncológica

Após a análise dos estudos selecionados, pôde-se demonstrar os principais problemas da assistência de Enfermagem ao paciente com dor oncológica, que serão descritos a seguir:

- Cinco estudos apontam que um empecilho ao atendimento adequado ao paciente com dor oncológica é a falta de conhecimentos e a necessidade de atualização pelos profissionais de saúde, principalmente com relação à avaliação da dor e o seu adequado tratamento. Muitas vezes os enfermeiros até têm certo conhecimento a respeito do assunto, porém, não realizam essa sistematização devido ao número demasiado de pacientes oncológicos para o número limitado de enfermeiros, acarretando uma assistência sobrecarregada e inadequada para os pacientes. Essas dificuldades trazem como consequência a inadequada atenção para a queixa de dor do paciente, acarretando-lhe sofrimento e angústia, o que atualmente é inadmissível;
- Um ponto considerável dentro dessa temática é a complexidade da avaliação do sentimento alógico, devido este ser subjetivo e inerente ao cognitivo de cada paciente, exigindo do profissional de enfermagem capacidade e discernimento para descobrir as reais e potenciais necessidades, aparentes e inaparentes, para que assim possa atuar de forma positiva, efetiva e humanizada no gerenciamento dessa dor.

CONCLUSÃO

Acredita-se que os resultados apresentados por esta pesquisa poderão contribuir para sustentar o conhecimento técnico-científico da equipe de enfermagem, dando-lhe suporte para aquisição de habilidades sobre o gerenciamento da dor, principalmente no que diz respeito à sua adequada mensuração, principais aspectos da intervenção e os obstáculos que predominantemente comprometem a assistência de enfermagem no controle da dor do paciente oncológico.

REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer-INCA: Estimativa 2014: incidência de câncer no Brasil, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: www.inca.gov.br/estimativa/2014.
2. da Silva LM, Zago MM. [Care for the oncologic patient with chronic pain from the point of view of the nurse], Rev Lat Am Enfermagem. 2001; 9(4): 44-9. Portuguese.
3. Ducci AJ, Pimenta CA. Programas educativos e a dor oncológica. Rev Bras Cancerol. 2003;49(3):185-92.
4. Sociedade Brasileira Para o Estudo Da Dor (SBED): II Consenso Nacional de Dor Oncológica. 1ª ed. São Paulo: Editora de Projetos; 2011.
5. Morete MC, Minson FP. Instrumentos para a avaliação da dor em pacientes oncológicos. Rev Dor. 2010;11(1):74-80.
6. Bueno PT, Neves ET, Rigon AG. O manejo da dor em crianças com câncer: uma contribuição para a enfermagem. Rev Cogitare Enferm. 2011;16(2):226-31. Disponível

- em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/viewFile/20307/14208>.
7. Waterkemper R, Reibnitz KS, Monti-Celli M. Dialogando com enfermeiras sobre a avaliação da dor oncológica do paciente sob cuidados paliativos. *Rev Bras Enferm.* 2010;63(2):334-9.
 8. Biasi PT, Zago VL, Paine JF, de Biasi LS. Manejo da dor no paciente oncológico pela equipe de enfermagem. *Rev Perspectiva Erechim.* 2011;35(129):157-66.
 9. Souza E, Santana FT. Como os enfermeiros identificam a dor do paciente oncológico? *Rev Digital.* 2012;12(1):12-8.
 10. Silva TO, Silva VR, Martinez MR, Gradim CV. Avaliação da dor em pacientes oncológicos. *Rev Enferm UERJ.* 2011;19(3):359-63.
 11. Carvalho PA, Pereira AJ, Negreiros WA. Avaliação da dor causada pela mucosite oral em pacientes oncológicos. *Rev Dor.* 2009;10(1):47-50.
 12. Bottega FH, Fontana RT. A dor como quinto sinal vital: utilização da escala de avaliação por enfermeiros de um Hospital geral. *Texto Contexto Enferm.* 2010;19(2):283-90.
 13. Pinto LS, Casa EC. Sistematização da Assistência de Enfermagem no tratamento da dor oncológica. *Rev Enferm UNISA* 2005;6:64-9. Disponível em: <http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2005-11.pdf>.
 14. Leal TR, Melo MC, Salimena AM, Souza IE. Dor e dignidade: o cotidiano da enfermeira na avaliação da dor oncológica. *Rev Nursing.* 2008;21(2):96-8.
 15. Freitas CC, Vieira PR, Torres GV, Pereira CR. Avaliação da dor com o uso das escalas unidimensionais. *Rev Dor.* 2009;10(1):56-62.
 16. Gargiulo CA, Melo MC, Salimena AM, Bara VM, Souza IE. Vivenciando o cotidiano do cuidado na percepção de Enfermeiras oncológicas. *Texto Contexto Enferm.* 2007;16(4):696-702.
 17. Muniz RM, Zago MM. A perspectiva cultural no cuidado de enfermagem ao paciente oncológico. *Rev Cienc Cuid Saude.* 2009;8(3):23-30.
 18. Costa CA, Lunardi Filho WD, Soares NV. Assistência humanizada ao cliente oncológico: reflexões junto à equipe. *Rev Bras Enferm.* 2003;56(3):310-4.
 19. Peres MF, Arantes AC, Lessa PS, Caous CA. A importância da integração da espiritualidade e da religiosidade no manejo da dor e dos cuidados paliativos. *Rev Psiq Clín.* 2007;34(1):82-7.
 20. Silva JT, Matheus MC, Fustinoni SM, Gutiérrez MG. Prática profissional de enfermeiras que cuidam de pacientes com câncer em hospitais gerais. *Rev Bras Enferm.* 2012;65(3):35-8.
 21. Nascimento LK, Medeiros AT, Saldanha EA, Tourinho FS, Santos VE, Lira AL. Sistematização da assistência de enfermagem a pacientes oncológicos: uma revisão integrativa da literatura. *Rev Gaúcha Enferm.* 2012;33(1):177-95.
 22. Stumm EM, Leite MT, Maschio G. Vivências de uma equipe de enfermagem no cuidado a pacientes com câncer. *Rev Cogitare Enferm.* 2008;13(1):75-82.
 23. Fontes KB, Jaques AE. O papel da enfermagem frente ao monitoramento da dor como 5º sinal vital. *Rev Cienc Cuid Saude.* 2007;6(2):481-7.
 24. Recco DC, Luis CB, Pinto MH. O cuidado prestado ao paciente portador de doença oncológica: na visão de um grupo de enfermeiras de um hospital de grande porte do interior do estado de São Paulo. *Rev Arq Ciênc Saúde.* 2005;12(2):85-90.
 25. Rigotti MA, Ferreira AM. Intervenções de enfermagem ao paciente com dor. *Rev Arq Ciênc Saúde.* 2005;12(1):50-4.
 26. Waterkemper R, Reibnitz KS. Cuidados paliativos: a avaliação da dor na percepção de enfermeiras. *Rev Gaúcha Enferm.* 2010;31(1):84-91.
 27. Bastos SB, Silva MG, Calasans MT. Estratégias dos enfermeiros no cuidado ao paciente com dor oncológica. *Rev Dor.* 2009;10(1):25-8.
 28. Silva YB, Pimenta CA. Análise dos registros de enfermagem sobre dor e analgesia em doentes hospitalizados. *Rev Esc Enferm USP.* 2003;37(2):109-18.
 29. Gerenciamento da Dor na SBIBHAE, Hospital Israelita Albert Einstein. 2010. Disponível em: http://medsv1.einstein.br/diretrizes/tratamento_dor/Gerenciamento%20da%20dor%20na%20SBIBHAE.